

Estudos coloniais e decoloniais nos nomes das embarcações de pesca do município de São João de Pirabas - Pará

Colonial and decolonial studies on the names of fishing vessels in the municipality of São João de Pirabas – Pará

Estudios coloniales y decoloniales sobre los nombres de los buques de pesca el municipio de São João de Pirabas – Pará

Recebido: 20/08/2020 | Revisado: 29/08/2020 | Aceito: 25/09/2020 | Publicado: 26/09/2020

Ellen Cristina da Silva Corrêa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9383-4298>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: ellen_pirabas@yahoo.com.br

Luciana Evangelista da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0692-9307>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: lucianaevangelista20@gmail.com

Roberta Sá Leitão Barboza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2367-553X>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: betabarboza@gmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva averiguar as nomenclaturas conferidas às embarcações de pesca no município de São João de Pirabas - Pará, a semântica dos nomes e suas influências coloniais e decoloniais. O artigo intenta discutir de que forma se estabelecem as relações sociais a partir da verificação desses nomes, o que pode levar a identificação de referências à religiosidade, etnia, saberes e práticas do povo da comunidade pesqueira inquirida. A investigação etnográfica e qualitativa inicia-se pela pesquisa de campo no intuito de coletar subsídios *in loco* por meio de incursões participativas até o “porto do mercado”, local onde ancoram os barcos na cidade. A conjectura norteadora da pesquisa é a de que por meio das nomenclaturas possamos compreender a influência colonial e decolonial que somadas a interculturalidade podem ter fundamentado a escolha dos nomes dos barcos. Dentre os autores utilizados estão

Weber (2004), Morin (2000), Dussel (2005), Maués (2010) e Prandi (2020). Obteve-se como resultado a percepção de que na referida cidade há quantidade significativa de barcos nomeados de acordo com a religiosidade de seus donos, divididos entre catolicismo e protestantismo, assim como se notou também a nivelção socioeconômica dessas categorias. Assim, depreendeu-se que o simbolismo presente em tais nomes explicita as relações estabelecidas entre pescadores e donos de embarcações acerca das terminologias dos barcos, assim como os aspectos coloniais e decoloniais relevantes a ação de nomeação da embarcação.

Palavras-chave: Antropologia; Nomenclaturas; Embarcação; Decolonialidade; Identidade.

Abstract

This paper aims to investigate the nomenclatures given to vessels in the municipality of São João de Pirabas - Pará, the semantics of names and their colonial and decolonial influences. The article intends to discuss how social relations are established through the verification of these names, which may lead to the identification of references to the religiosity, ethnicity, knowledge and practices of the people of the fishing community surveyed. Ethnographic and qualitative research begins with field research to collect on-site subsidies through participatory forays into the “market port” where boats anchor in the city. The guiding conjecture of the research is that through the nomenclatures we can understand the colonial and decolonial influence that added to interculturality may have based the choice of boat names. Among the authors used are Weber (2004), Morin (2000), Dussel (2005) Maués (2010) and Prandi (2020). As a result, it was obtained the perception that in that city there is a significant number of boats named according to their owners' religiosity, divided between Catholicism and Protestantism, as well as the socioeconomic leveling of these categories. It was found that the symbolism present in such names explains the relations established between fishermen and vessel owners about the terminology of the boats, as well as the colonial and decolonial aspects relevant to the vessel's naming action.

Keywords: Anthropology; Nomenclatures; Vessel; Decoloniality; Identity.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo investigar las nomenclaturas dadas a los buques en el municipio de São João de Pirabas - Pará, la semántica de los nombres y sus influencias coloniales y descoloniales. El artículo pretende analizar cómo se establecen las relaciones sociales a partir de la verificación de estos nombres, lo que puede conducir a la identificación

de referencias a la religiosidad, el origen étnico, el conocimiento y las prácticas de las personas de la comunidad pesquera encuestada. La investigación etnográfica y cualitativa comienza con una investigación de campo para recaudar subsidios en el lugar a través de incursiones participativas en el "puerto de mercado", donde los barcos anclan en la ciudad. La conjetura guía de la investigación es que a través de las nomenclaturas podemos entender la influencia colonial y descolonial que, sumada a la interculturalidad, puede haber justificado la elección de los nombres de los barcos. Entre los autores utilizados se encuentran Weber (2004), Morin (2000), Dussel (2005), Maués (2010) y Prandi (2020). Como resultado, se obtuvo la percepción de que en esa ciudad hay un número significativo de barcos nombrados de acuerdo con la religiosidad de sus propietarios, divididos entre el catolicismo y el protestantismo, así como la nivelación socioeconómica de estas categorías. Parecía que el simbolismo presente en tales nombres explica las relaciones establecidas entre los pescadores y los propietarios de embarcaciones sobre la terminología de las embarcaciones, así como los aspectos coloniales y descoloniales relevantes para la acción de denominación de la embarcación.

Palabras clave: antropología; Nomenclaturas; Buque; Decolonialidad; Identidad.

1. Introdução

A proeminência de São João de Pirabas, Pará, em relação à pesca, atividade de subsistência dos moradores, pode ser confirmada em razão de sua segunda posição no que se refere à produção pesqueira entre os municípios que compõem a microrregião do salgado paraense, de acordo com pesquisa feita pela Secretaria de Estado de Pesca e Aquicultura (Sepaq) no ano de 2009, por isso as embarcações de madeira fazem parte desde muito cedo da vida de boa parte dos munícipes, assim o conhecimento adquirido sobre a pesca e os equipamentos necessários para o ofício tornam-se corriqueiros, o que demanda significativo saber empírico aos profissionais de pesca e determinada proximidade com tudo aquilo que diz respeito ao trabalho, até mesmo a nomenclatura que se dá a embarcação passa a ser correlacionada a aspectos e características concretas.

Exatamente por isso é que se justifica o interesse em pesquisar a semântica dos nomes das embarcações que os pescadores da localidade utilizam como parte fundamental de seu ofício e assim tentar responder o seguinte questionamento: De que forma se estabeleceram as influências coloniais e decoloniais para a escolha das nomenclaturas dadas aos barcos na cidade pesqueira de São João de Pirabas?

De acordo com levantamento feito em 2018 pela Secretaria de Pesca do Município estima-se aproximadamente 200 embarcações distribuídas em grande, médio e pequeno porte na cidade. Assim, identificar os arrolamentos postos entre pescadores e donos de embarcações é pertinente, pois presume-se que se poderá contar a história de indivíduos reais, que foram e são fundamentais para a constituição e desenvolvimento da localidade. É nessa perspectiva que a Antropologia se apresenta como acertada ciência que pode fazer com que vivências sejam vistas e compreendidas, e assim valorizadas, visto que ainda vigora determinado preconceito aos profissionais da pesca ou até mesmo as cidades pesqueiras do país.

Objetiva-se, assim, com esta pesquisa averiguar características coloniais e decoloniais que possam fazer o enfrentamento de homogeneidades configuradas como verdades absolutas ao longo da história humana, tal como ocorreu no século XVI na Alemanha por meio da Reforma Protestante, mas que na verdade apenas substituiu um monopólio por outro como mencionado por Weber (2004) em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Assim, não intentamos aqui trazer à tona nenhuma outra imposição ou comparação, nossa finalidade é somente revelar as histórias por detrás das escolhas dos nomes das embarcações e se com isso conseguirmos mostrar histórias silenciadas, ficaremos contentados em fazê-lo.

Ademais, para que possamos alcançar tal desconstrução impositiva que há séculos nos mostra uma história única de civilização refletida até mesmo nos nomes das embarcações da cidade mencionada, temos que mostrar outras versões do que nós conhecemos como Europa Moderna e que nos fez ter o posicionamento eurocêntrico vistos em alguns barcos da localidade que contemplam apenas duas vertentes religiosas, Catolicismo e Protestantismo, o que faz parte de uma postura incutida na falsa ideia de Modernismo. Para isso levaremos em conta *Europa, modernidade e eurocentrismo* de Enrique Dussel (2005) e tentaremos demonstrar a importância da Filosofia da Libertação, bem como a necessidade de uma Ética Libertadora que considere os marginalizados.

Além disso, buscaremos mostrar como o conceito de decolonialidade pode ser entendido numa perspectiva não somente como empreendido por Dussel (2005), mas também como percebido no trabalho de Heraldo Maués (2010), intitulado “Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, Camponeses e Quilombolas na Amazônia oriental brasileira”. Nele o autor busca mostrar o que aconteceu em duas comunidades da Amazônia que receberam influências de agentes de Igrejas Católicas na implantação de Comunidades Eclesiais de Base, mas que não abandonaram suas tradições e atitudes críticas, o que certamente contribuiu para que o povoado em 1999 se assumisse como comunidade quilombola.

2. Metodologia

De acordo com o que diz Marconi&lakatos (2003, p. 186): “Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas... É a fase da pesquisa realizada com intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse”. Desta maneira, a presente investigação qualitativa inicia-se fazendo uso da pesquisa de campo que é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

A pesquisa de campo foi feita *in loco* por meio de incursões participativas até ao “porto do mercado”, lugar onde ancoram os barcos de pesca na cidade. Usamos como metodologia nesse momento apenas visitas e contato junto aos pescadores, e assim foram observadas as atividades e num ambiente de diálogos coletadas algumas falas desses trabalhadores da pesca. Essas falas foram registradas por meio de aparelhos celulares e também fizemos uso de bloco de anotações em alguns momentos da pesquisa. Convém mencionar que usamos nomes fictícios para os donos das embarcações aqui apresentadas, na intenção de preservar suas identidades.

Das embarcações vistas, selecionamos apenas 4 para que possamos aqui verificar as procedências que se levaram em conta para a escolha dos nomes por seus donos. Essas embarcações são: Mensageiro da Fe 1, Mensageiro da Fé 2, Deus Proverá e Santa Maria. Estes barcos podem ser vistos nas imagens abaixo:

Figura 1 – Barco “Mensajeiro da Fé 1” ancorado no porto da localidade.



Fonte: Imagem feita pelas autoras.

Torna-se relevante analisar que na embarcação acima, a identificação é de cunho religiosa, visto que vai buscar em referências predominantemente protestantes características para a concretização do nome. Há uma dicotomia observável quanto a nomeação dos barcos na cidade onde a pesquisa ocorreu, isso porque habitualmente se notam barcos com nomes com frases bíblicas pertencentes a protestantes enquanto os que pertencem a católicos em sua maioria se identificam com nomes ligados a santificação (Santa Maria, Santa Luzia, dentre outros)

Figura 2 – Barco “Mensajeiro da Fé 2” ancorado no porto da cidade pesqueira



Fonte: Imagem feita pelas autoras.

Na imagem acima, percebe-se novamente a nomeação do barco em continuidade a crença do proprietário. Entretanto, adentra aí uma outra situação que faz parte da cultura de nomeação dos barcos, a preferência em colocar o nome da primeira embarcação e seguir enumerando-a de acordo com a quantidade de barcos que esse proprietário terá. Assim, constata-se que o dono do “Mensageiro da Fé” tem duas embarcações, 1 e 2.

Figura 3 – Barco “Deus Proverá” ancorado no porto da cidade.



Fonte: Imagem feita pelas autoras.

Na figura três, pode-se notar que o nome do barco novamente apresenta características ligadas a religiosidade, o que faz inferir se tratar de barco pertencente a evangélico, visto que usa uma frase bíblica. É importante ressaltar que as frases bíblicas usadas para nomear as embarcações são consecutivamente carregadas de sentidos, predominando acepções a esperança de sucesso na pescaria e pedido de proteção a Deus. Deste modo, percebe-se o quanto as práticas religiosas de uma população podem envolver-se em seus afazeres, seus ofícios, suas vivências.

Figura 4 – Barco “Santa Maria” ancorado no porto da localidade pesqueira



Fonte: Imagem feita pelas autoras.

Já na figura quatro, nota-se nome relacionado a outra religião, a saber o catolicismo. Isso logo é atinado pelo fato da identificação corresponder ao nome de uma santa, além da imagem desenhada no comando da embarcação, espaço onde fica o encarregado do barco, aquele que conhece as posições para uma boa pescaria. Isto posto, compreende-se que a intenção é pedir a tal santa bom direcionamento e proteção durante a pescaria, o que traz à tona a simbologia arraigada no nome de uma embarcação.

3. Resultados e Discussão

Grande parte das embarcações na localidade pesquisada tem o nome com referência religiosa distribuídas em religiões eurocêntricas, como o catolicismo e o protestantismo. No século XVI se observou na Alemanha uma potencialização a conversão ao protestantismo. Sobre isso é indubitável evidenciar as considerações de Max Weber:

Está claro que a participação dos protestantes na propriedade do capital, na direção e nos postos de trabalho mais elevados das grandes empresas modernas industriais e comerciais, é relativamente mais forte, ou seja, superior à sua porcentagem na população total. (Weber, 2004, p. 30)

Em *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*, o autor elucida que a inclinação ao protestantismo como revolta ao tradicionalismo eclesiástico que governava e organizava a

sociedade e economia da época somente substituiu um domínio anteriormente pertencente ao catolicismo e agora concernente ao campo protestante. Weber (2004) explicita que deve-se levar em conta as razões históricas sucedidas para o alcance dessa dominação e que estas não estavam inteiramente ligadas a economia, mas sim se engendrou como consequência da Reforma¹. Essas razões configuram-se como posse de capital, em parte uma educação dispendiosa e em parte, na maioria das vezes, ambas as coisas, estando ainda hoje ligada a posse de riqueza hereditária ou pelo menos a uma certa abastança (Weber, 2004, p. 30).

Segundo Mendonça (2002, p. 11) no Brasil não há somente um arquétipo protestantista consequência da Reforma do século XVI, mas sim “protestantismos” que se originaram das diversidades geográficas, culturais e teológicas que encontraram ao adentrarem o solo brasileiro. Não obstante, foi no século XIX que o protestantismo se instalou de fato no país e isso muito ligado a fatores econômicos como a abertura dos portos e o incentivo a imigração, principalmente, a alemã. Outro fator relevante foi o “protestantismo missionário” que serviu para instalar diversas designações religiosas em chão nacional, tais como a Prebisteriana, Batista e Metodista.

Por meio da inserção missionária no Brasil, originou-se uma nomenclatura que se implantou como pertencente ao mundo protestante, “crente”. Esse termo, assim como o termo “evangélico” corresponde a nomeação das pessoas que aderem ao evangelho protestante e que adotam assim uma nova postura de valores e moral. No entanto, esses novos adeptos são em sua maioria pertencentes a burguesia como menciona Mendonça (2002):

Na medida em que esse protestantismo reforça sua auto-identificação ao preço de seu relacionamento com a sociedade, torna-se pouco atraente para as camadas populares ao defender valores burgueses (Mendonça, 2002, p. 14)

Na referida cidade, as correntes religiosas voltadas as diversificações evangélicas existem e em número consideravelmente alto. Conforme a Secretaria Municipal de Tributos, existem 102 igrejas pertencentes a religião evangélica na cidade, com uma população de 3.907 pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010. Possivelmente, essa existência refletirá acerca da cultura, economia e relações sociais, percebidas até mesmo nas embarcações da localidade, visto que muitos dos proprietários são membros de algumas das várias denominações evangélicas existentes no

¹ Reforma Protestante foi um movimento reformista cristão do século XVI liderado por Martinho Lutero, simbolizado pela publicação de suas 95 Teses em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha.

município e apesar da cidade ter em seu nome vínculo com o catolicismo por conta da referência ao “São João Batista”, observa-se um contingente de barcos com nomes referentes ao evangelho, isso porque as embarcações que pertencem a católicos, geralmente, são nomeadas com nomes de santo da religião cristã. Pois bem, compreendemos então que tanto catolicismo quanto protestantismo ocupam agora lugar de destaque na modernidade e por que não dizer, na modernidade pirabense.

Tomando como base o pensamento de Morin (2000, p. 83) de que: “*A história é um complexo de ordem, desordem e organização*”, temos a oportunidade de desconstruir linearidades disfarçadas de verdade que nos foram impostas ao longo dos séculos. É nessa perspectiva decolonial que a humanidade caminhará para se chegar não a verdades absolutas, pois o homem nunca será de todo absoluto e como a história é construída a partir da vivência social dos homens, nunca poderá encontrar evolução retilínea, conhecerá sempre: “... *turbulências, bifurcações, desvios, fases imóveis, êxtases, períodos de latência seguidos de virulências...*” (Morin, 2000, p. 83).

Nesse contexto, fomos buscar em Dussel (1977) o entendimento do conceito de decolonialidade quando ao afirmar que a Filosofia da Libertação é pós-moderna, nos possibilita tal compreensão:

A filosofia moderna europeia, mesmo antes do *ego cogito*, mas certamente, a partir dele, situa todos os homens, todas as culturas, e com isso suas mulheres e filhos, dentro de suas próprias fronteiras como úteis manipuláveis, instrumentos. A ontologia os situa como entes interpretáveis, como ideias conhecidas, como mediações... Esta ontologia não surge do nada. Surge de uma experiência anterior de dominação sobre os outros homens, de opressão cultural sobre outros mundos... O centro se impôs sobre a periferia há cinco séculos. Mas, até quando? Não terá chegado ao seu fim a preponderância geopolítica do centro? Podemos vislumbrar um processo de libertação crescente do homem da periferia? (Dussel, 1977, p. 10)

Essa dominação de que falamos acima iniciou-se a partir de uma falsa equação demonstrada por Enrique Dussel: Ocidental = Helenístico + Romano + Cristão. Nasce assim a ideologia eurocêntrica do romantismo alemão. Dussel (2005) afirma que esta sequência é hoje a tradicional e que ninguém pensa que se trata de uma invenção ideológica (que rapta a cultura grega como exclusivamente europeia e ocidental) e que pretende que desde as épocas grega e romana tais culturas foram o centro da história mundial (Dussel, 2005, p. 26). Com efeito, é indubitável não se ater ao fato de que a maioria dos indivíduos no século XXI acreditam ser a “Europa o berço da civilização” e assim fomos e somos bombardeados ao longo da história por uma vasta imposição cultural e epistemológica que ocultou muitos dos

verdadeiros “berços da civilização” constituintes da modernidade. Confrontar essa cominação tem sido trabalho da Antropologia desde a década de 80 afim de nos revelar outras histórias que não as contadas pelos livros escolares ou até mesmo pelas produções acadêmicas.

O pensamento de Dussel (1977) traz à tona a necessidade de refletir o mundo sobre perspectivas que contemplem a diversidade cultural, de evidenciar outras existências, histórias não inseridas no quadro de vencedores, mas que resistiram e podem ser observadas por meio das falas, modos de vida, práticas e saberes de homens e mulheres que ao longo da história humana foram subalternizados. É justamente nesse âmbito que podemos exemplificar utilizando o que ocorreu em duas comunidades amazônicas que vivenciaram um processo de transfiguração a partir da ação de agentes pastorais católicos, movidos pela Teologia da Libertação, na implantação de Comunidades de Base (MAUÉS, 2010).

A Teologia da Libertação pode ser compreendida a partir do que nos expõe Susin (2013) em “Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?”:

A teologia da libertação nasceu ecumênica, mas na periferia das Igrejas. Nasceu também com um caráter público e político, com interlocução social, mas na periferia do Ocidente. Nasceu de intelectuais das Igrejas em exílio político, mas foi precedida por movimentos sociais, especialmente movimentos de alfabetização e de direitos humanos... Mas a dimensão política da teologia da libertação não é a mais central. Foi o contexto da vida dos pobres, sofrimentos sentidos como injustiça, e o contexto pastoral de muitos agentes de Igreja, mulheres e homens missionários, bispos, padres e pastores sensíveis ao sofrimento popular, que criaram o clima favorável a uma teologia de libertação. (Susin, 2013, p. 1678-1679)

As ações da Teologia da Libertação na comunidade de Santo Antônio, município de Concórdia do Pará e também na Agrovila de Brasil Novo, situada na Transamazônica foram apresentadas por Heraldo Maués (2010) ao avaliar a Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado de duas Antropólogas dos referidos povoados. Na avaliação de Maués (2010) há nessa perspectiva “um novo modo de ser igreja” que se transforma, ao mesmo tempo, em um novo modo de atuar política e religiosamente, sem, no entanto, abandonar por completo suas tradições, nem sua atitude crítica em relação ao que vem de fora (MAUÉS, 2010, p. 32).

Foi essa atitude crítica que coordenada as ações de agentes da pastoral das Comunidades Eclesiais de Base fortaleceram a intenção do povoado de Santo Antônio a assumir sua identidade Quilombola, o que certamente o fez ter maior notoriedade na luta por seus direitos, mesmo que com algumas tensões. Maués (2010) nos apresenta ainda que a partir da construção social da memória coletiva há a construção do sentido de pertencimento a um

lugar específico, isso tem relação com a profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva e que:

Isto se aplica a populações indígenas, quilombolas, “terras de preto”, populações extrativistas, caiçaras do litoral brasileiro, pantaneiras e — acrescento, sem mesmo esgotar a lista — pescadores artesanais do litoral e dos rios e lagos amazônicos. Tudo isso, porém, não pode ser concebido se não se levar em conta os processos de construção da memória coletiva², tais como já nos ensinou Halbwachs (1990 [1950]) e tem sido tratado por tantos outros autores depois dele. (Maués, 2010, p. 24).

No tocante as comunidades, Brasil Novo foi “colonizada” a partir da abertura da Transamazônica e já era habitada por índios e seringueiros, bem como Santo Antônio era habitada por remanescentes de quilombo. Isso demonstra a necessidade de possibilitar de modo real o pertencimento, isto é, levando em conta as práticas, culturas e saberes do povo local. E isso foi, em sua maioria, propiciado pelas ações da Teologia da Libertação como corrobora Maués (2010).

O exemplo trazido por Maués (2010) deixa claro a urgência em progressivamente partirmos ao encontro da liberdade, irmos em direção a compreensão de uma Ética da Libertação, verdadeiramente, libertadora (DUSSEL, 1977) e para isso faz-se necessário conhecer. De acordo com Morin (2000, p. 86) “*O conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas*”. Isso nos mostra o quanto epistemologicamente precisamos caminhar na intenção de nos despartarmos de dogmas ou doutrinas de um modelo positivista que pode deixar de contemplar os saberes tradicionais de um povo ou comunidade. O que se quer dizer aqui é que só poderemos ter a oportunidade de encontrar sentido ou certezas sobre aquilo que estudamos ou fazemos em nosso cotidiano se estivermos abertos a navegar. É nessa perspectiva que se vai buscar na Antropologia ancoragem para navegar nas águas sempre profundas e complexas da existência humana, e assim de alguma forma desconstruir a posição eurocêntrica tomada pela educação e pesquisa ao longo dos anos.

Com efeito, evidenciar as experiências de povos e grupos específicos é uma oportunidade de enfrentar a sistematização epistemológica eurocêntrica que habitualmente se quer admirar, sempre nos direcionando as histórias advindas de outros estados, países, que quando não excluem a existência de outros povos e culturas, os colocam em posição de

² Memória Coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (HALBWACHS, 1968, p. 81)

subordinação. Assim, vamos as apreciações das relações socioculturais identificadas por meio dos nomes das embarcações pesqueiras da cidade de Pirabas.

A embarcação “Mensageiro da fé 1” pertence ao Senhor Flávio, que é membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. São duas embarcações de propriedade do mesmo dono e com a mesma nomenclatura, somente diverge a ordem dos barcos, a saber “1º e 2º mensageiros da fé”. Com efeito, aparentemente, percebe-se que a religião se fez persistir aqui para a escolha do nome dado ao barco. A Assembleia de Deus tem a Bíblia como base diretiva, assim sintetiza alguns pontos significativos para a organização de sua crença e doutrina, a isso dá-se o nome de credo que para Philip Schaff (2017) é a resposta do homem a Deus. A Bíblia revela a verdade em forma popular de vida e fato; o Credo declara a verdade em forma lógica de doutrina. A Bíblia é para ser crida e obedecida; o Credo é para ser professado e ensinado.

Quem crê nesses princípios pode, possivelmente, ser enviado de Deus e levar aos demais palavras de conforto advindas de Deus (Ou da Bíblia). Os Apóstolos, então, teriam sido os primeiros mensageiros da fé, de acordo com a passagem bíblica observada em Coríntios (5:20) “somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus”. Os missionários do século XIX também poderiam ser chamados “Mensageiros da fé”, assim como os pastores que no século XXI se auto intitulam imbuídos da palavra de Deus. Esses, seriam, então, responsáveis pelas palavras de fé, de boas novas, de fartura e bonança vindas de Deus.

Contudo, nos reportemos a embarcação “Mensageiro da fé” e sua relevância para o Senhor Flávio. Percebe-se que assim como para os demais titulares de barcos, a nau é para seu dono motivo de orgulho, relacionada a sua possibilidade de sustento, de seus pescadores e famílias. O barco passa a representar não apenas um meio de angariar insumos para o sustento ou comércio, mas sim se concretiza como parte da família, tanto que seu nome é chamado em orações ou no cotidiano como se ora ou se menciona a um indivíduo.

Essa capacidade em tornar concreto um objeto que tem importância particular para determinado povo é proferida por Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental* quando ao tratar do lançamento de uma canoa nas ilhas Trobriand por nativos da Nova Guiné melanésia verifica que “uma embarcação não constitui apenas mais um objeto de uso; é muito mais que isso, é um novo ente que surge, que está ligado ao futuro, ao destino dos navegadores e do qual eles dependerão” (Malinowski, 2018, p. 229). Isso se aproxima do sentimento que, pode-se dizer, os proprietários e pescadores das embarcações locais sentem

ao possuir um barco de pesca ou serem componentes de um, pois não somente os proprietários mantêm com ele uma relação pessoal, mas também os pescadores que ao se lançarem ao mar almejam a subsistência de suas famílias e pedem, conforme suas religiões, pela segurança e fartura da embarcação.

Outra questão percebida no que diz respeito a interação entre homem e embarcação foi a de que o “Mensageiro da fé” corresponde a ascensão social para seu proprietário, é um orgulho que está vinculado também a bem material. É nesse momento que voltamos a ideia trazida por Weber (2004 p. 48) em *A ética do protestantismo e o espírito do capitalismo* quando afirma que “o capitalismo hodierno, dominando de longa data a vida econômica, educa e cria para si mesmo, por via da *seleção* econômica, os sujeitos econômicos-empresários e operários-de que necessita”. Na localidade pesquisada instalou-se um campo propício para o capitalismo no que se refere a propriedade de embarcações, isso porque aqueles que as têm, imediatamente, passam a integrar um seletivo grupo de microempresários da pesca, e destes, há um considerável número de evangélicos.

O nome da embarcação “Deus proverá” diz respeito a Bíblia e está presente em Gênesis (22:8) ao demonstrar a confiança de Abraão em Deus. Isso, é possível, que tenha relação com a escolha do nome da embarcação, visto que se confia na providência divina para a abundância de peixes. Essa confiança é mais uma vez percebida na frase escrita na capota do barco “Aquele que confia no Senhor será igual Monte de Sião que não se abala, mas permanece para sempre”. Essa passagem está presente na Bíblia em Salmos (125:1) e demonstra confiabilidade e sustentação àqueles que esperam em Deus.

É importante referir que no município de Pirabas, somente na sede, há 6 igrejas católicas distribuídas entre espaços de centros catequéticos, salões paroquiais e igrejas, segundo informa a Secretaria Municipal de Tributos, ademais, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 o município contava com uma população católica apostólica romana de 15.731 pessoas. Como já dissemos anteriormente, as embarcações que pertencem a católicos, geralmente, apresentam nomes referentes a Santos como na imagem do barco por nome “Santa Maria”, pertencente ao senhor Gonzaga, morador da localidade. Notamos que o barco faz referência religiosa ao catolicismo, pois seu nome faz menção a Virgem Maria, tida na religião cristã ocidental como Mãe de Jesus, entretanto ao nos reportarmos a figura desenhada na embarcação pode-se intuir aparentemente o desenho de Santa Luzia, sincretizada pela igreja católica como padroeira dos olhos. No entanto, atenta-se aqui para a discordância em relação ao nome e imagem vistos no barco.

Santa Luzia foi santificada por conta de sua devoção a Jesus Cristo quando mesmo diante da morte após ter tido os olhos arrancados a mando do Governador Pascásio em 13 de dezembro do ano de 304, manteve-se fiel à sua fé. Essas informações podem ser encontradas em alguns sites católicos (como <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-luzia/95/102/> recuperado em 11 de agosto, 2019). O que nos deixa intrigado é o fato de ter sido escolhido exatamente essa imagem santificada para ser desenhada na embarcação.

Faz-se relevante mencionar aqui o fato de que na religião de matriz africana, Santa Luzia tem as mesmas características de Ewá, importante orixá do rio Yewa. Numa breve comparação entre as orações dedicadas a Santa Luzia e Ewá encontramos elementos que evidenciam a fé para que, ajuizamos, a pescaria seja bem sucedida e o pedido para que a visão do mar esteja límpida e equilibrada. Segue trecho da oração a Santa Luzia: “*Conservai a luz dos meus olhos para que eu tenha a coragem de tê-los sempre abertos para a verdade e a justiça, possa contemplar as maravilhas da criação, o brilho do sol e o sorriso das crianças...*”, em seguida trechos da oração a Ewá: “*Senhora do céu rosado, senhora das tardes enigmáticas; senhora das nuvens carregadas, esteira do arco-íris... Senhora das brumas dissipe as nuvens dos meus caminhos; ó poderosa princesa! ... Invoque as forças dos ventos a meu favor, que a chuva me cubra de prosperidade, que sua coroa cubra meu destino; ó princesa-mãe do oculto!* Esses trechos de oração são comumente encontrados em wibe sites religiosos, tal como (<https://www.raizesespirituais.com.br> recuperado em 11 de agosto, 2019)

Em “Mitologia dos Orixás” (2020, p. 14), Reginaldo Prandi descreve Euá como orixá feminino das fontes, que preside o solo sagrado onde repousam os mortos, sacia a sede dos filhos e pode se transformar em névoa. A oração dedicada à Euá que lemos acima demonstra pedido de dissipação das nuvens, de aclaramento daquilo que está encoberto pela névoa, pelo mistério, por isso mesmo Euá é considerada mãe do oculto. Talvez esteja aí a explicação para que se tenha na embarcação uma imagem muito parecida com tal orixá.

Para se alcançar o porquê de determinada tartufice, é importante considerar a corroboração de Santos (2010):

O histórico ataque às religiões de matriz africana e indígena foi posto em termos de conflito entre magia (falsidade) e religião (verdade) em alguns momentos. Sendo categorizada com menos valor as religiões ditas “mágicas”. De fato, o próprio uso da categoria “religião” gera polêmica, pois se costuma nos meios cristãos, católicos e protestantes, denominá-las “seitas” adjetivadas de “demoníacas”. (Santos, 2010, p. 203)

Nesse sentido, pode-se verificar a presença do racismo instituído na religião, motivado pela doutrina religiosa etnocêntrica que se perpetua em solo nacional desde a colonização e que ainda hoje engendra reflexos negativos ao povo afro-brasileiro. Segundo Santos (2010, p. 203): “O esforço por desteologizar os estudos de religião soma-se ao esforço por descristianizar seus conceitos e referências”, observa-se aí a válida tentativa de enfrentar dominâncias religiosas que se propagaram no país e mais do que isso, dá a devida representatividade àqueles contribuintes da construção deste espaço múltiplo de religiões e culturas.

O livro de Reginaldo Prandi (2020) intitulado “Mitologia dos Orixás” pode ser citado como esforço para visibilizar práticas culturais e religiosas de matriz africana existentes no país. Na obra, o autor junta e organiza os mitos africanos e afro-americanos dos Orixás e menciona que:

A recente expansão do Candomblé no Brasil envolveu forte adesão de segmentos sociais diferentes daqueles em que se originou no Brasil a religião dos Orixás, com a inclusão de adeptos não necessariamente de origem negra e que são provenientes de camadas sociais com maior escolaridade. (Prandi, 2020, p. 12)

No entanto, em Pirabas, essa prática religiosa não se evidencia de maneira acentuada. Na cidade, há 2 Templos religiosos de matrizes africanas, de acordo com a sacerdotisa responsável pelo Templo de Umbanda Mamãe Oxum, mas há ainda mais três pequenos espaços distribuídos entre terreiros e tendas espíritas na cidade. Em 2010, o IBGE totalizou uma população de 20 pessoas pertencentes a tal inclinação religiosa, o que é diminuto frente a quantidade de espaços e população das vertentes evangélicas e católicas. Já dissemos aqui que tais questões podem influenciar nos modos de vida de uma comunidade, o que pode ser percebido em várias relações sociais, na fala, na religiosidade, nas formas de trabalho, na interação entre um sujeito e seu objeto de trabalho, como os donos de barcos que nomeiam suas embarcações conforme suas religiões. Essa dicotomia entre catolicismo e protestantismo, certamente, irá refletir nas relações sociais desta comunidade e, com efeito, entendemos que neste município será sempre maior a possibilidade de observar embarcações com nomes evangélicos e católicos do que provenientes de outras religiões, como as de matrizes africanas.

Entretanto, não podemos esquecer daquilo que nos apontou Maués (2010) ao informar que os sujeitos da região de Santo Antônio e Brasil Novo não haviam abandonado por completo suas tradições. Em São João de Pirabas, essas tradições existem e estão ligadas a

matrizes africanas que podem ser contempladas anualmente no dia 20 de janeiro, o que se conhece por Festa do Rei Sabá. Sobre a origem desse festejo há várias versões. Traremos aqui algumas, segundo Guerra (2014):

De São Sebastião, a história que se encontra no martirologio é de que teria sido um soldado romano, morto a pauladas após ter sido ferido a flechas, por inveja e perseguição do imperador romano Diocleciano. Seu culto teria iniciado no século IV (Englebert, 1979, p. 32). Do Rei Dom Sebastião, português, sabe-se que foi morto aos 24 anos, na batalha naval de Alcacequibir, contra os mouros, em 4 de agosto de 1578. Por não ter sido encontrado o seu corpo, tornou-se lenda de que retornaria um dia para dar prosperidade ao reino de Portugal, o que lhe dá vida em muitas festas no litoral colonizado pelos lusos. Do Rei ou mestre Sabá, cultuado no litoral amazônico, as versões se expandem para a de um Sultão turco chamado Darsalam que teria dado fuga a suas três filhas (Erundina, Jarina e Mariana) antes do assédio dos cristãos e naufragara ou se tornara encantadas ao passar pelo Estreito de Gibraltar e desencantado nas águas do litoral amazônico, dando origem à encantaria. (Guerra, 2014, p. 254)

Todo o sincretismo existente na cidade de São João de Pirabas no que diz respeito a Pedra do Rei Sabá é demonstrado não somente pelas versões da própria população pirabense para a origem do culto, mas também pela presença das imagens de Jarina, Mariana, Iemanjá e Zé Raimundo ao lado do Rei Sabá na praia da Fortaleza, onde anualmente acontece o festejo. Representando as duas últimas imagens a relação com a religião de matriz africana incutida na festa e cultura do povo local. Há ainda mais duas versões que precisamos aqui mencionar:

Entre negros capturados para serem vendidos no Brasil, estaria o Rei de uma das tribos de origem dos escravos. O navio em que viajara, naufragou nas costas do Pará, e parte da tripulação cativa se salvou. O Rei Sabá estaria entre os desaparecidos. A pedra negra em formato de um homem sentado fez crer aos africanos sobreviventes de que se tratava do Rei Sabá, surgindo o culto. Em outra versão encontrada em texto disponível na Biblioteca Municipal de São João de Pirabas (Farias, s/d), o Rei Sabá teria nadado até a ilha da Fortaleza após o naufrágio, estabelecendo-se ali. (Guerra, 2014, p. 254)

A diversidade de histórias relacionadas a origem do culto ao Rei Sabá demonstra em sua maioria a relação com raízes africanas e nos faz entender que a cidade de Pirabas tem, factualmente, seus costumes e práticas constituídos por essas significações. E isso nos foi dito pelo proprietário da embarcação “Deus Proverá” ao informar que muitos de seus pescadores ainda pedem para encostar na Pedra do Rei Sabá solicitando proteção antes de iniciar a pescaria. Nos contou que mesmo adepto da religião evangélica sempre respeitou a religiosidade de sua tripulação e os espera enquanto fazem suas oferendas.

Situações como a descrita acima e como a observada no barco Santa Maria quando da imagem de Santa Luzia, porém que lembra Ewá, nos mostram rastros de uma comunidade que tem guardadas em sua memória suas tradições. Falta agora enfrentar a Colonização que insiste em sobressair-se; este trabalho, seguramente, servirá a este enfrentamento.

4. Considerações Finais

Walter D. Mignolo (2000, p.33) nos explicita que a partir do século XVI, com o triplo fato da derrota dos mouros, da expulsão dos judeus e da expansão atlântica, mouros, judeus e ameríndios (e com o tempo também os escravos africanos), todos eles passaram a configurar, no imaginário ocidental cristão, a diferença (exterioridade) no interior do imaginário. Deste modo, os acontecimentos trazidos ao longo da história podem ser os responsáveis ou pelo menos muito ter colaborado para o racismo institucional do mundo hodierno, visto que a identidade de um povo é embasada em características históricas, geográficas, culturais que em favor de determinadas imposições sociais e políticas organizacionais são ocultadas e assim deixa-se de contemplar histórias relevantes para a construção da identidade e cultura de um povo. Desde a ideia implantada no século XIV de que a “Europa é o berço da civilização” observamos ao longo do tempo a cominação de uma história mundial inventada como única e que efetivamente desconsidera culturas e saberes que apesar de silenciados resistem até hoje.

Convém ressaltar que nessa breve investigação encontraram-se fenômenos antropológicos que podem resultar na descrição de identidades. Foi possível perceber por meio da denominação de algumas embarcações a simbologia que a designação do barco representa, relacionada à cultura religiosa de antemão católica e evangélica, mas que pode evidenciar ligações com a africana.

Destarte, cabe mencionar o valor deste trabalho para confrontar à ênfase dada as narrativas eurocêntricas frente às narrativas que compõem o povo brasileiro, este miscigenado por negros, ribeirinhos, pescadores, mulheres que além de terem sido colocados em posição periférica, foram coagidos a aceitar as culturas que lhes são impostas. Nesse contexto, temos a oportunidade de empoderamento da identidade por vezes deslembrada ou minimamente valorizada dos munícipes da localidade que é efetivamente pesqueira, contudo, por vezes, não reconhecida.

É nesse viés que podemos identificar a importância da tomada de consciência acerca da Diversidade para que possamos compreender as identidades culturais existentes no país e evitarmos a pejorativa ideia trazida pelo colonialismo que usa a comparação entre uma cultura

e outra, um povo e outro, para difundir ódio e intolerância como sempre ocorreu ao longo da história humana em relação aos ameríndios, negros e povos tradicionais.

Nesse contexto, faz-se necessário mencionar a intenção de aprofundar a referida investigação numa perspectiva que possa contemplar outros sujeitos importantes para a materialização dos nomes das embarcações, tais como os abridores de letras navais. Esse desígnio se faz proeminente, pois assim poder-se-ia compreender o saber-fazer de profissionais fundamentais para estaleiros e carpintaria naval, espaços e profissões diretamente ligados a pesca, culturais na região norte brasileira, respectivamente.

Por fim, é recomendável que se tenham ainda mais pesquisas etnográficas que possam alcançar os sujeitos envolvidos com os trabalhos pesqueiros e assim valorizar saberes, conhecimentos empíricos que atravessam gerações e são responsáveis pela permanência da pesca no país.

Referências

Dussel, E. (2005). *"Europa, modernidade e eurocentrismo In Lander, Edgardo (coord.)."A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* Buenos Aires: Clacso.

Dussel, E. (1977). *Filosofia de la liberación* (México: Edicol). [Usta, Bogot., 1980; Queriniana, Brescia, 1992].

Guerra, G. A. D. (2014) *"A Festa do Rei Sabá em São João de Pirabas, Pará, Brasil."* Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas (pp.253-266).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo demográfico.* Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-joao-de-pirabas/panorama>

Lakatos, E. M. & Marconi , M. de A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica 1. - 5.* ed. - São Paulo : Atlas.

Malinowski, B. (2018). *Argonautas do pacífico ocidental.* Ubu Editora LTDA-ME.

Maués, R. H. (2010) "*Comunidades*" no sentido social da evangelização": CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira." (pp. 13-37) *Religião & Sociedade*.

Mendonça, A. G., & P. V. F. (2002). "*Introdução ao protestantismo no Brasil. 2ª.*" São Paulo: Edições Loyola.

Mignolo, W. (2005). "A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade." *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* (pp. 71-103). Buenos Aires: Clacso.

Morin, E. (2000). *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. Ed. São Paulo: Cortez. Brasília-DF. UNESCO.

Prandi, R. (2020) *Mitologia dos orixás*. Companhia das Letras.

Santos, I. M. F. dos (2010). História e Antropologia: Relações Teórico-Methodológicas, Debates sobre os Objetos e os Usos das Fontes de Pesquisa. (pp. 192-208). *Revista Crítica Histórica*.

Secretaria de Estado de Pesca e Aquicultura SEPAq/PA (2019). Estatística e desembarque pesqueiro do Estado do Pará/2008.

Secretaria Municipal de Pesca de São João de Pirabas (2019). Relatório/2018.

Schaff, P. (2017). *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1ª Edição.

Susin, L. C. (2013) "*Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?*" horizonte-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (pp. 1678-1691)

Weber, M. (2004). *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e Índice remissivo Antônio Flávio Pierocci. (pp. 7-168) São Paulo: Companhia das Letras.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ellen Cristina da Silva Corrêa – 45%

Luciana Evangelista da Silva – 25%

Roberta Sá Leitão Barboza – 30%